

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORAS: LUCÍLIA NEVES
VALÉRIA PIRES
MÍRIAM HERMETO
ENTREVISTADO: DIMAS PERRIN
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 10ª SESSÃO

Entrevista - Fita 10 - lado A

L.N.: Dimas, em 1956 aconteceu uma denúncia internacional através do relatório Krushchev. Uma denúncia do stalinismo ou dos ditos crimes do stalinismo. E isso causou uma repercussão grande no Brasil uma vez que o comitê central não divulgou esse relatório. Quem tomou conhecimento do relatório, mesmo os militantes do partido, tomaram através do listão do Estado de São Paulo. Isso provocou uma grande crise no PCB. Você podia me falar um pouco sobre a sua visão desse acontecimento?

D.P.: De fato, a realização do 20º congresso do Partido Comunista da União Soviética e a denúncia do denominado “Culto à Personalidade” feita pelo Krushchev caiu nos partidos do mundo inteiro como uma verdadeira bomba. Porque, até então, aquilo era tido... era um segredo da direção da União Soviética. E os partidos no mundo haviam sido, depois de uma certa época, educados – vamos dizer assim – acostumados a verem no Stalin o comunista mais autêntico, o companheiro mais fiel. Aquele que dia e noite velava pela causa que era defendida por todos nós no mundo inteiro. Havia, entre nós, companheiros que quando viam uma fotografia do Kremlin, um daqueles prédios bonitos que tinha uma estrelinha vermelha lá em cima, o companheiro dizia assim: “– Num desses prédios, mesmo sendo à noite, o camarada Stalin deve estar estudando, velando por nós.” Essa era a idéia que nós fazíamos do Stalin, era para nós uma figura, vamos dizer, extraordinária. Depois eu fui... cheguei a [] também,

verifiquei que na União Soviética era muito mais ainda. É claro que na minha... eu sempre fui, até algum tempo atrás, eu era, como todos nós, um stalinista ferrenho, intransigente. Defendia mesmo com coragem um companheiro. Nós tínhamos... para mim o Stalin era uma espécie de aríete que nós podíamos usar para derrubar o capitalismo, a fortaleza do capitalismo. Bom, acontece que no meu caso aconteceu uma coisa interessante. Quando saiu a denúncia eu estava doente, muito doente. Tinha 7 meses que eu estava na cama, situação difícil que eu estava passando. Então aquilo me chocou profundamente. Talvez até mais por causa da minha doença. Eu não tinha condições de sair para discutir com outros companheiros, para avaliar melhor a coisa. Aquilo para mim era um desastre. Bom, eu me lembro que foi convocada, então, uma reunião no comitê estadual aqui para discutir o assunto. Primeiro reuniu o comitê central no Rio, depois a resolução do partido, apoiando a decisão do Partido Comunista da União Soviética – como não podia deixar de ser porque apoiava tudo, mudou para lá, apóia, mudou para cá, apóia – era isso. Então o partido estadual reuniu. Eu, mesmo doente, compareci à reunião. E como membro do comitê estadual, membro efetivo, eu tomei a decisão de pedir a minha demissão, na minha posição de membro efetivo do comitê estadual, sob o argumento de que eu sempre tinha sido um camarada disciplinado e queria continuar disciplinado. Mas não tinha condições morais de defender aquela decisão perante as bases do partido. Então eu queria continuar no partido, mas não como dirigente, porque como dirigente eu era obrigado a defender aquela posição. Eu me lembro que alguns companheiros, na ocasião, acharam que eu estava sendo... não agindo corretamente. E me lembro até de uma frase de um companheiro que não concordou comigo, mas que foi sempre um camarada muito legal, que foi o Anélio Marques Guimarães, que disse: “ – *Deixa. Deixa que o Dimas vai pensar tudo. Ele não... ele não abandona o partido. Ele vai acabar compreendendo e ficando conosco mesmo.*” Muito bem. E realmente eu nunca... eu posso dizer que eu nunca abandonei o partido. Eu já me filiei a outros partidos, mas continuo aí, girando na órbita do Partido Comunista. Bom, mas vamos ver assim, objetivamente, o que aconteceu. Isso, objetivamente, trouxe uma divisão no partido, nacionalmente o partido se dividiu. Vários companheiros do comitê central não concordaram com essa decisão. Discordaram e marcharam para criar outro partido. O PC do B, por exemplo, nasceu com esse problema. Internacionalmente houve o problema da China, que foi uma coisa terrível a China separar do movimento socialista, discordando também. Houve outras confusões no mundo inteiro. E ficamos

nisso. Aí começou... tendo o partido se dividido, a disciplina partidária começou também a ficar... degenerar, começou a ficar enfraquecida. E ficou aquela discussão, aquela incerteza no partido, se um está correto ou não, o outro... O partido começou a perder aquelas suas qualidades de combatividade, de união, porque não podia expulsar todo mundo que discordava. Teve que agüentar. Então os camaradas ficavam ali, mas discordando. Eu acho que essa questão de culto à personalidade, a minha visão é a seguinte: deveria ter sido feita primeiro uma preparação no mundo inteiro, para depois chegar àquela conclusão. Aquilo chocou profundamente. Chocou muito. Isso é a visão que eu passei a ter naquela ocasião. Eu cheguei até a pensar o seguinte, por exemplo, eu não sou religioso, mas o nosso povo acredita em Deus. Se nós tirarmos Deus do nosso povo e não dermos outra coisa, o povo perde o rumo, fica totalmente desorientado. Isso é uma imagem, uma comparação muito grosseira que eu estou fazendo. Mas na verdade, para muita gente o Stalin era visto como se fosse um deus. Eu perguntei a um companheiro na União Soviética: “– *Mas escuta aqui, eu tenho todos os discursos, eu tenho as atas de todas as reuniões do comitê central da União Soviética. O Krushchev era o maior puxa-saco do Stalin*”. Falei lá na União Soviética – ele era o maior puxa-saco. Os outros puxavam, todos puxavam, mas ele puxava mais, tinha um jeitinho especial para puxar. [risos]. Depois ele que veio denunciar? Eu falei com o companheiro: “– *Isso não é covardia dele? Não foi covardia dele? Enganar o companheiro?*” Aí ele virou para mim e disse: “– *Camarada, naquela ocasião, o nosso povo tinha tanta confiança no Stalin, tinha uma idéia do Stalin de tal maneira assim... uma confiança tão profunda, - na opinião dele – que foi criada aqueles meios de comunicação do governo, aquilo tudo, que se um de nós – e esse camarada era [] – levantasse uma palavra contra o Stalin, nós seríamos enforcados no meio da rua pelo próprio povo.*” Ele me falou. E eu achei... e eu pensei assim: “*se ele está dizendo é porque deve ser mesmo*”. [] imagina esse povo daqui, que acha que a União Soviética foi defendida principalmente por ele. Bom, eu acho que o camarada Stalin errou em muitas coisas, errou muito. Mas eu acho também que não foi sozinho que errou não. O que eu discordo é esse negócio de acusar. Na União Soviética eles tinham esse costume. [] Melhorou agora, eu nem sei o que está acontecendo. Mas lá é o seguinte, havia um dirigente do partido, ele ficava responsável por tudo. Se a coisa saía bem, ele era o tal; se saía mal era ele sozinho. Nós tínhamos um dirigente do partido, ele subia hoje, nas ruas de Moscou estava cheio de retratos dele. No dia seguinte, se ele caísse, no dia seguinte já não tinha nem um retrato dele mais. De noite

já tiravam tudo. Um negócio assim que eu não entendo. Isso aí é culto à personalidade mesmo. Na verdade era. Bom, mas, eu acho o seguinte, que um homem na posição que ele estava, eu acho que ele não tinha a vocação de ser mau, eu acho que ele não era sádico, nada disso não. Mas tem o cargo que ele ocupava e as informações chegavam a ele e ele não... tendo sido endeusado depois do período da guerra, que a coisa cresceu em relação a ele foi no período da guerra, não é? Em que a União Soviética havia... cometia... no princípio estava perdendo e tudo, mas depois o partido reagiu, o partido no seu conjunto reagiu e começou a ter vitórias. E essas vitórias ao invés de serem creditadas ao conjunto do partido, ao povo, a todas as organizações, passaram a ser creditadas só a ele. Acho que o erro nasceu aí. Então ele poderia... ele deveria ter sido muito mal informado por companheiros que eu não sei se tinham outros interesses. Era mal informado de muitas coisas. Porque ele era um homem modesto, ninguém até hoje pode dizer que ele foi corrupto. Era tão sincero para com a União Soviética, que o filho dele foi preso pelos alemães, e a Alemanha propôs uma troca, trocar o filho dele por alguns generais alemães que estavam presos. Ele respondeu o seguinte: “– *O que dirão as mães dos soldados russos que estão presos na Alemanha se eu fizer isso.*” Me parece que tinha uma visão correta das coisas. Agora, houve muita coisa, muita barbaridade, muita coisa triste lá, que são creditadas a ele e não são. São do conjunto do partido. Eu acho que o partido tem que assumir as fatalidades das coisas. Se isso vai ser em prejuízo do partido, eu acho que a verdade tem que ser dita. Se a nossa ideologia socialista é correta, se ela tem que permanecer, ele tem que permanecer com o que tem de bom e não com o que tem de ruim. Porque eu fiquei chocado na União Soviética quando eu conversei com uma jovem [], uma menina, não tinha mais que uns 20 anos e ela me disse: “– *Meu pai foi fuzilado pelo Stalin.*” E ela era []. Continua comunista, a mesma coisa. Não saiu por [causa disso]. “–*Meu pai foi fuzilado. E ele era inocente.*”. E ela falou: “– *E ele era inocente.*” Quer dizer, houve essas coisas. Então eu acho que precisaria de uma crítica correta das coisas. Eu acho o seguinte, pela prática dos companheiros no Brasil, eu verifico o que aconteceu lá. E digo sinceramente, aqui, naturalmente, se isso chegar ao conhecimento dos meus companheiros, eu quero que eles compreendam nisso a minha sinceridade em dizer as coisas como elas são. Porque eu entrei para o partido comunista, até hoje eu me considero um comunista. Quero continuar com esta... a defender o socialismo. Acredito na vitória do socialismo, nas coisas que ele tem de bom, não pelo que tem de mau. E acredito que as coisas erradas que foram praticadas na União Soviética, que

foram praticadas no Brasil, não são decorrências do socialismo, mas sim de nós, seres humanos, nós que erramos. Então eu afirmo aqui o seguinte, pelo que... pelos erros que nosso partido, no Brasil, já cometeu, pelas injustiças que já foram... que eu já vi serem praticadas contra companheiros, eu digo: “– *Se o partido nosso tivesse chegado ao poder, nós teríamos fuzilado muita gente também, como fuzilaram na União Soviética.*” Muitos que nós expulsamos erradamente, muitos que nós criticamos erradamente, muitos absurdos que se praticou aqui, também nós íamos cair no mesmo erro. Por quê? Porque não somos capazes, primeiro de respeitar as pessoas, não somos capazes de compreender que o socialismo não tem nada de contra ao espírito democrático. Ele é uma decorrência da própria democracia, não é isso? Então não se opõe a isso. Socialismo... comunismo, no caso, nada tem a ver com o fascismo. Agora, nós tivemos no partido, e ainda deve ter alguns aí, que entraram na porta errada, ao invés de entrar na porta do partido nazista, entraram na porta do partido comunista. E vieram fazer dentro do partido comunista o que os nazistas fizeram no partido dele. Bom, isso deu um prejuízo muito grande. Não sei se teria jeito de evitar isso. Aqui no Brasil deu um prejuízo muito grande. De modo que eu vejo, agora, as tentativas de remendar esses negócios, de consertar tudo isso, eu vejo como uma coisa salutar, mas também um tanto extremada. Existem aqueles que querem consertar os erros do passado renunciando ao socialismo. Eu discordo. E existem aqueles que, para evitar a renúncia ao socialismo, porque não querem renunciar ao socialismo porque são socialistas, não têm coragem também de lutar para corrigir os erros do passado. Eu acho que temos que corrigir, todos os erros que praticamos têm que ser corrigidos, para que o socialismo apareça perante à humanidade e perante ao nosso povo como verdadeiramente ele é. Uma ideologia que, em última análise, está toda voltada para o ser humano, para a pessoa humana.

L.N.: Bom, Dimas, agora saindo um pouquinho da política interna do partido... Ah, não. Só para terminar. A denúncia do relatório Krushchev e um grupo de intelectuais saiu do partido. Um grupo ligado ao Agildo Barata, etc. E depois você falou que o outro grupo que ficou posteriormente teve a [fusão] e fundou o PC do B. Vocês chegaram em Minas Gerais a analisar a saída desses intelectuais do partido, em 1956, liderados pelo Agildo Barata? Chegou-se a discutir isso?

D.P.: Nessa ocasião, houve [] algumas discussões por aí. Mas o que se pensava é que a discordância... os intelectuais estavam também divididos na ocasião. Há os que

queriam a liberalização da coisa, outros que queriam fechar. Houve alguns que queriam fechar o problema. Então aquilo ficou... acirrou a discussão, mas o partido quando chega nessas histórias assim, infelizmente não faz estudos muito... não procura aprofundar as questões para poder tirar proveito das lições [daqueles]. É uma outra coisa séria, cada divergência ideológica que surgia dentro do partido, se procurava resolver expulsando o grupo minoritário, em vez de procurar discutir. Então aí é que eu acho que havia dado esse erro. E o Agildo Barata, que não tinha nenhuma razão para que o pessoal considerasse ele um traidor, passou imediatamente a ser considerado um traidor. Quando, na verdade, ele não era. Então não houve um exame muito aprofundado dessa questão não.

L.N.: Dimas, agora então vamos sair da política partidária e vamos para a política partidária nacional, que é a campanha de 1970. Em 1970, teve eleição para a Presidência da República e em Minas Gerais teve eleição para governo do Estado. Você participou da campanha Lott/Jango, Tancredo/San Tiago Dantas. Você diz que participou no setor propaganda. Como é que foi a sua participação e como é que foi a posição do partido em relação a essa campanha?

L.N.: Bom, durante o governo do Juscelino, o partido teve mais liberdade. Começou a se organizar, a desenvolver e tudo. E começou também a intensificar a corrigir os erros que ele tinha praticado anteriormente. Porque até 1958, o partido tinha permanecido muito trancado, fechado, muito sectário, desligado das massas, fazendo um trabalho paralelo em relação aos sindicatos. E a verdade é que, a partir de 52... 53... assim, principalmente depois da morte do Getúlio, o partido já estava, também, saindo fora daquela linha de luta armada. Já estava saindo fora daquela questão da luta armada. Não por decisão política, mas pela falta de realismo da coisa. Principalmente o pessoal do movimento sindical procurava mostrar para o partido que era irrealizável. Por mais força que a gente fazia para organizar um comitê de libertação nacional, ninguém aderiria. Era uma coisa que estava se tornando até uma certa... um pouco ridícula. Porque havia esforço mesmo para organizar isso, mas não havia adesão. Houve alguns movimentos armados em [], houve em Goiás. Houve vários movimentos mas depois caíram esse movimentos, não foram para frente. Bom, então essa realidade começou a chegar à direção do partido. Me parece que foi em 53, houve uma reunião sindical em que o partido decidiu que os nossos companheiros da atividade sindical podiam, já, voltar ao sindicato, deveriam voltar ao sindicato e fazer alianças com os outros

elementos de outros partidos, principalmente com o pessoal do PTB. Bom, mas até então, o Getúlio ainda era chamado de traidor. Traidor, essa porção de coisas, empreguista. Até então. Só deixou disso, de ser chamado disso após a morte. Então o partido foi desligando dessa parte. O partido começou a acumular forças, começou a desenvolver, a crescer. Entendeu? Porque começou a participar dessas campanhas. Aliás, há um dado importante, que nós fomos participar de uma campanha da **Petrobrás**, há um dado interessante, uma conclusão que se pode tirar. O partido nessa fase difícil, até 1954, ele não desapareceu do mapa político brasileiro por causa da campanha da **Petrobrás**. Ele ficou tão desligado do povo, que teria desaparecido se não fosse ele estar participando da campanha da **Petrobrás**. Muito bem. Aí o partido começou a crescer, estava tomando força. Apoiou a eleição aqui do Juscelino, apoiou. Depois veio, então, a campanha 60. Polarizaram... a situação ficou polarizada entre Marechal Lott, de um lado, e Jânio Quadros de outro lado. O Marechal Lott era candidato com o apoio, não ostensivo, mas o apoio do Juscelino e das forças nacionalistas. O partido então entrou decididamente na campanha do Marechal Lott. E tinha o Jango como vice. Aqui foi fácil o acordo com o Tancredo porque o Tancredo já era uma pessoa que sempre teve bom relacionamento com o partido. Então foi fácil. E o outro candidato já era um candidato execrado pelo partido, também, que era o Magalhães Pinto [] pela UDN. De forma que foi fácil essa escolha. Eu, pessoalmente, me sentia muito bem porque eu sempre tive uma grande admiração pelo Doutor Tancredo Neves. Sempre tive. Sinceramente sempre tive uma grande admiração por ele. Então foi fácil. Eu entrei na campanha para valer mesmo. Entrei decididamente. Eu me lembro que tinha vários comitês, mas um era na avenida Amazonas, quase ali perto do BEMGE hoje, um prédio novo que tinha ali. Então eu fui logo integrado no mundo de propaganda. E nós organizávamos não só propaganda como também organizávamos comícios, uma porção de coisas para desenvolver a campanha. A campanha, nacionalmente, nós tínhamos aqui grupos sindicais que apoiavam, tínhamos grupos populares. O pessoal do movimento nacionalista. Chegamos a promover, houve uma convenção nacionalista no Rio de Janeiro. Foi realizada até, onde é hoje, a Assembléia Legislativa. Era, na ocasião, a Câmara Federal. E decidimos várias questões importantes. Houve delegações... a nossa delegação que foi para esse congresso era muito grande. Eu me lembro que uma das maiores foi a de Minas Gerais, foi a de Nova Lima. Nova Lima e Raposos. E interessante é que na delegação de Nova Lima, um dos membros era um que tinha

ajudado a matar o [] Gomes. Mesmo a contragosto, fiquei muito curioso e fui conversar com ele, compreendeu? Então, naquele tempo, nós tínhamos a mania de ser sincero. [risos] Parece engraçado mas é que em política às vezes você não pode ser. E eu fui e falei com ele: “– Olha, eu vou te falar uma coisa, você está aqui na... – eu era o subchefe da delegação – *você está aqui na delegação, nós estamos aqui bem com você e tudo, mas é porque o interesse aqui é maior. Mas quando nós ganharmos nós vamos fuzilar você, hein?*” [risos].

L.N.: Então quer dizer que esse negócio de fuzilar passava mesmo pela cabeça de vocês?

D.P.: Passava. Passava sim [], mas ele se portou muito bem. Eu tenho um retrato []. Mas ele é um sujeito baixinho mas de um coragem incrível. Tinha que ter, para enfrentar os comunistas de Nova Lima tinha que ter muita coragem naquela época. Mas nessa delegação ele ficou meio constrangido porque tinha cada crioulo mais alto que essa porta aí. Então ele ficou meio constrangido. Mas houve um progresso muito bom lá. E aqui, houve, fizemos de tudo, sinceramente, lutamos decididamente para a vitória que nós queríamos do Tancredo. E eu acho que, se o Tancredo ganhasse, a história do Brasil possivelmente seria outra. Poderia ter sido de outra maneira, entende? Eu acho que poderia ter sido de outra maneira.

L.N.: Mas Dimas, ele não foi Primeiro Ministro depois, não teve um poder muito maior do que teria como governador do Estado? E aí? Como é que então não mudou a história?

D.P.: Aqui, mas ele seria governador, e ficaria no governo, Minas Gerais foi que despertou o negócio, que precipitou o negócio. Então não haveria... com aquela habilidade peculiar dele, ele ia desarmar muitos espíritos, entendeu? Ele ia desarmar muitos espíritos. Agora, quanto ao Primeiro Ministro, eu vou te dizer uma coisa: eu tenho a impressão, é uma coisa pessoal minha, de que ele, o doutor Tancredo, eu tenho essa impressão, vou dizer pela primeira vez isso, eu tenho a impressão, ele sabia que foi Primeiro Ministro numa emergência. E que essa emergência poderia desaparecer. E o Jango ter restabelecidos seus poderes presidenciais. Então, a impressão que eu tenho é que ele levava menos em conta seus poderes de Primeiro Ministro como assim... como o respeito, vamos dizer assim, pelo presidente da República. A vontade de não criar problemas para a presidência da República, de colaborar com ele naquela situação difícil. Sabe por que eu digo isso? Por uma coisa muito simples. Eu fui ao Rio conversar com ele, pedi a ele uma coisa boba. Aqui em Belo Horizonte, naquela ocasião, não tinha água. Não tinha água. Então era uma brigalhada por causa de água.

Quando chegava um caminhão aí, eles matavam, quase... o dono do caminhão, para dar água. E havia o [Deneru] e outras organizações que abriram poços artesianos. Então eu procurei o Tancredo, era amigo da gente, sempre abriu a porta. Chegou lá, eu estava com um ofício para ele pedindo para ele mandar o [Deneru] aqui instalar um poço artesiano. Nem lembro se era mais Santa Teresa ou noutra bairro, só que era um lugar aqui. Na mesma hora ele assinou. Depois falou: “– *Agora Dimas, você espera aqui que eu vou buscar a assinatura do Jango, que assim fica... [] mesmo.*” Foi lá, pegou a assinatura do Jango. Eu tenho esse documento até hoje porque eu achei mais importante guardar o documento assinado por eles do que levar no [Deneru] que não ia abrir poço nenhum. Eles iam me tapear lá. [risos] Quer dizer, então a impressão que eu tenho é que o Tancredo era um homem de uma visão muito larga. Eu acho que Minas perdeu uma boa oportunidade naquela ocasião.

L.N.: Dimas, por que você acha que a eleição foi perdida, tanto em Minas Gerais quanto a eleição nacional?

D.P.: Foi perdida?

L.N.: É.

D.P.: Ah, porque que nós perdemos?

L.N.: É.

D.P.: Eu acho o seguinte, eu coloco muito a culpa em cima do Juscelino. Aquele negócio do Juscelino falar que não ia... que ia presidir a eleição, ia agir como juiz, quem ganhasse ele apoiava, aquilo deixou o próprio Lott meio desarvorado, abandonado. Isso? Agora, esse é um caso. Agora, o próprio Lott é outro trancado também, não é? Aquele era trancado, compreendeu? Fechadão. Você sabe aquela... [].

L.N.: Qual?

D.P.: Aquela quando o partido foi perguntar a ele se ele era a favor da legalidade do partido. Ele falou que não. “– *O senhor é a favor da legalidade do partido?*” “– *Eu sou contra. Mas se o Congresso aprovar? E se o Congresso aprovar a legalidade?*”

L.N.: Espera aí um pouquinho, Dimas.

FIM DO LADO A DA FITA 10

Entrevista - Fita 10 - Lado B

D.P.: Se o Congresso aprovar, eu veto, entendeu? Eu veto. – Mas se o veto do senhor cair? Ele falou: “- *Aí, eu aceito.*” Quer dizer, ele não tinha assim... muita habilidade. Você não estava presente porque você era garotinha, mas o Tancredo ofereceu um jantar para ele. Na casa dele, lá em São João Del Rey. Eu estava lá.

L.N.: Foi quando o palanque caiu?

D.P.: Foi. Quando o palanque caiu. [*risos*] Eu nunca vi. O Lott era um militar. Aqui ele comendo assim... [] Está comendo caladão. Como às vezes, dentro de casa, briga com a mulher []. Ele comendo não dava uma palavra. Ele era assim, era o feitio dele. Era o feitio dele. Outra coisa, [] está acostumado com outro tipo de []. Por exemplo, no comício na Concórdia, ele tinha um decálogo, um papelzinho assim, e todo comício ele puxava, mostrava aquele papelzinho que era desse tamanho, e lia o decálogo. // Ele não era orador.// *Aí chega o Tancredo, fala aquele discurso empolgado, aquele negócio todo, ficava/*

L.N.: Daí? O Tancredo com todos os discursos empolgados perdeu também.

D.P.: Ah, mas aquilo ali foi aquela safadeza do Magalhães Pinto, não é?

L.N.: Mas o Magalhães não era adversário? [*riso*].

D.P.: Mas você soube do negócio do tal do... do Magalhães na véspera [] 1 milhão ou mais de 1 milhão de boletins falando negócio de imposto e tudo [] o Tancredo e mandou [] distribuir aquilo tudo. Era uma propaganda muito ruim. Então houve essas questões. Mas eu acho que... O Lott dizia o seguinte... quando perguntaram ao Lott depois, poucos dias depois do resultado da eleição o que ele achava da reeleição, ele falou uma coisa certa. Falou: “- *O povo dava a entender que a pessoa era débil mental [] débil mental []*”.

L.N.: Então a nossa próxima pergunta era sobre a renúncia de Jânio, que derrotados os outros candidatos, principalmente o Lott, que era seu principal adversário, o Jânio ganhou pelo PDT, apoiado maciçamente pela UDN e 7 meses depois ele renunciou. E aí o movimento popular fez uma grande campanha para garantir a posse do Jango. Quais são as suas lembranças sobre esse acontecimento?

D.P.: Isso aí eu... desse movimento eu lembro bem porque nessa ocasião eu já estava estudando na Faculdade Mineira de Direito, porque eu comecei a estudar mais tarde. Então eu me lembro perfeitamente que houve aquela crise do Jânio, ele acabou, saiu, foi lá para Cumbica. Eu sei que houve um esforço muito grande do nosso amigo José Aparecido, para que os operários fizessem greve na ocasião. José Aparecido que era secretário do partido [] sindicato para que fizesse uma greve de subdelegados. O esforço. // Ao Jânio // O José Aparecido fez um esforço para ver se conseguia a volta do Jânio ao poder. Posteriormente até houve a notícia de que o Jânio terá feito um plano nesse sentido. Eu sei que o José Aparecido fez muita força para que realmente houvesse um movimento popular de envergadura que facilitasse a volta do Jânio Quadros. Talvez ele quisesse... talvez o Jânio, que era um grande artista, talvez ele quisesse mesmo imitar o Nasser. Porque o Nasser renunciou e o povo foi para a rua e exigiu a volta dele. E foi nessa ocasião. Pouco antes do [.] E o Nasser então voltou ao poder como ditador. Eu tenho a impressão que o Jânio dever ter pensado a mesma coisa porque ele era artista. A proposta até... – não vou tomar tempo de vocês, mas vou contar um caso que o Edgar da Mata Machado me contou e que é muito ilustrativo – ele diz do seguinte, que uma das primeiras vezes que o Jânio resolveu vir à Belo Horizonte como candidato, ele mandou avisar o pessoal da UDN que vinha como candidato para falar para o meu povo. Dizendo assim. E não quero saber de político perto de mim, eu quero falar com o meu povo. Então, naquele tempo, ainda existia até o Grande Hotel na rua da Bahia, então o pessoal compreendeu... não, não. Não é bem assim. Ele disse que viria à Minas. Aí o pessoal da UDN se mobilizou todo. Os cartolas da UDN, todo mundo, para esperar o Jânio. E ficaram em frente ao hotel, aquele mundo de gente. Deputados, vereadores, o pessoal do interior, todo mundo da UDN esperando. E puseram um cordão de isolamento porque havia muita gente do povo também no passeio do lado de lá. Então o Jânio chegou, foi logo dizendo para os políticos: - Vocês podem ir saindo daqui. Pode sair tudo que eu quero falar é com o povo. É com o meu povo que eu quero falar. Foi botando o pessoal da UDN todo para fora e atravessando o cordão de isolamento para falar com o povo. Então o Edgar da Mata Machado sentiu naquilo um gesto demagógico terrível. Porque ele não tinha pedido, como eu errei ao falar que ele tinha pedido antes, ele não tinha pedido nada, não tinha feito nenhum reserva disso, entendeu? Então eu acho que esse outro fato repetiu a mesma coisa. Apesar, porque ele foi azarado, não teve greve nenhuma, e o esquema que talvez estivesse montado não funcionou. Muito bem. Mas os ministros militares resolveram assumir o governo criando uma junta militar e o povo

então começou a se mobilizar. Os estudantes, trabalhadores começaram grande campanha nacionalmente para que o Jango viesse da China e tomasse posse. Foi um movimento grande mesmo. Todos os [movimentos], todos os diretórios estudantis funcionaram, aquilo tudo. Agora, eu penso o seguinte: uma grande força, uma grande coisa que nos ajudou muito a ser feliz naquela mobilização foi o fato de uma parte das forças armadas terem se rebelado lá no sul, com o comando do general Machado Lopes. Se rebelou uma grande força militar do exército, se colocou a favor da posse. Bom, nós tínhamos também o Brizola, tinha também o Brizola, era governador.

L.N.: Campanha pela legalidade, não foi? Por todo lado, na rádio/

D.P.: [] O Brizola que organizou a campanha pela legalidade. Fez um movimento grande. A brigada lá do Rio Grande do Sul se mobilizou. Então aquilo forçou, entende? Então a conclusão, o ensinamento que a gente tem que ter ali é o seguinte: que a mobilização popular se torna mais fácil também quando as forças inimigas estão divididas. Eu acho que isso foi muito importante. Esse seguimento do exército e da milícia do Rio Grande do Sul ter participado do nosso lado. Mas foi um movimento muito forte, esse que decidiu a posse. A vitória do Jango assumiu por essa força feita pelo nosso povo. Um fato interessante que o San Tiago Dantas me contou [] militar. Como os adversários agem. Como os adversários agem. Ele me contou que estavam lá no Rio Grande do Sul com o Jango, numa certa ocasião lá... agora eu estou numa dúvida se foi nisso ou na renúncia do Jânio.

L.N.: Você colocou a conversa com o San Tiago Dantas foi quando o Jânio renunciou?

D.P.: Quando o Jânio renunciou... quando o Jânio... É, então foi quando o Jânio renunciou. É, então foi isso. Não, depois não tinha mais condições. San Tiago contou o seguinte: que entre eles lá havia um oficial do exército que demonstrava muita amizade com o Jango. E que levava cafezinho para o Jango, perguntava se ele queria tomar banho, perguntava se ele queria almoçar e mudar a roupa, aquilo tudo. Era muito preocupado. Tanto que aquilo até acabou o pessoal... os outros ficando meio cismados com aquilo. Alguns até com ciúmes naturalmente, deve ter, não é? Depois, mais tarde foi descobrir que o cara era do serviço secreto do exército. Estava lá com a encomenda de vigiar o Jango para poder tomar o Jango []. Depois eu lembrei que isso é mesmo. Porque o cozinheiro do Arraes foi exatamente o que prendeu o Arraes, não tem um caso assim?

L.N.: Tem.

D.P.: [] o Arraes. [] prender o Arraes. Era também do serviço secreto, entendeu? Então eles estavam trabalhando mesmo.

L.N.: E você participou da campanha pela posse de Jango? Você participou como estudante, como membro do Partido Comunista // do movimento sindical, tudo junto // como é que era?

D.P.: Eu participei mesmo, lutei mesmo, muito mesmo pela posse dele. Me preparei para ir até para a guerra se fosse preciso, compreendeu? E isso aí/

L.N.: E você... primeiro você, depois o que o seu partido achava do Jango?

D.P.: O partido... o partido era [devotado do Jango], entendeu? Alguns tinham mais esse negócio de falar: “- Ah! É demagogo.” Isso é bobagem. Mas o Jango tinha muito bom relacionamento com o partido. Outro dia até morreu o Pacheco, Oswaldo Pacheco. O Pacheco era homem da confiança do Jango, tinha toda liberdade com ele, aqui em Belo Horizonte, o [] Bandeira tinha muita amizade como o Jango, o Delmir Vilela. Então o pessoal do Rio estava muito próximo dele. O Jango era uma pessoa mesmo assim, popular. Conversava com qualquer um... Ele tinha essas boas coisas. E uma coisa interessante, não sei se já foi divulgado, mas um dia eu fui ao Rio de Janeiro com o José Raimundo, e na saída nós tínhamos combinado de jantar com o [] de Andrade, que era o líder do Jango no Congresso. Então ele demorou muito mas nós esperamos. Quando nós fomos jantar, o [] falou: “- *Eu demorei porque estava com o presidente e o presidente me falou o seguinte: que decidiu mesmo agora conceder a legalidade do Partido Comunista, entendeu?*” Mas o argumento dele mostra que não era mentira. Ele decidiu dar essa legalidade porque ao menos um benefício nós vamos ter, acaba com essa confusão. Quem é trabalhista, é trabalhista. Quem é comunista, é comunista. Porque no momento estava uma confusão. Gente no PTB que não sabe quem é. []. Então o Jango decidiu dar a legalidade do partido logo e pronto. Eu até achei [] porque nós queríamos era a legalidade.

L.N.: Dimas, faz uma comparação, segundo a sua opinião, entre Getúlio e o João Goulart. Você acha difícil?

D.P.: Não... não é fácil não. Mas eu acho que o João Goulart era mais... ele tinha aquela... vamos dizer, aquele espírito paternalista do Getúlio, tinha tudo aquilo. Aquele carisma, mas ele era mais popular, ele ia mais baixo. Ele falava mais baixo, mais próximo das pessoas. O Getúlio, mesmo falando de uma maneira mais elevada, ele impunha mais

respeito, entendeu? Ele tinha credibilidade. Todos dois eram caudilhos, mas é o problema do estilo de ação deles. Acho que o Getúlio tinha mais... vamos dizer assim, era mais político. Mais competência também. O Jango tinha aquela parte... própria dos políticos de tratar com as pessoas bem, e tal e coisa, prometer as coisas, juntar a massa, [] aquilo tudo. Mas acho que o Getúlio era superior, entende? Tanto nessa coisa como também na capacidade de tomar decisões. O Getúlio, a decisão dele de suicidar demonstra a grande capacidade dele. Suicídio não é ato de covardia não. É ato de grande coragem, não é? E o Jango, por algumas vezes ele vacilou. Então eu acho que nesse ponto o Getúlio era maior mesmo.

L.N.: Dimas, durante o governo do Jango, você se formou. Nós vamos encerrar a entrevista falando um pouco sobre isso. Você se formou em 1962. E você conta que logo em seguida você quis se formar advogado trabalhista. Trabalhar no escritório // Fabrício // Soares. Como é que foi para você o sentimento de ter se formado tendo sido um menino que passou por tantas dificuldades, tendo tido uma escolaridade que você teve que lutar por ela? Como é que foi isso? E como que isso também repercutiu na sua família?

D.P.: Do ponto de vista pessoal, houve essa questão, bastante simplicidade. Agora, eu vi como um instrumento, uma coisa que podia me ajudar muito na luta. E a prova disso é que eu comecei logo a ser chamado para participar do movimento [] de Belo Horizonte. Um deles, para não falar em muitos, foi o problema das invasões dos terrenos do Antônio Luciano, que ocorreram exatamente nessa ocasião 62... fim de 62, 63, 64. E eu já era advogado da Federação dos Trabalhadores dos Favelados de Belo Horizonte, cujo presidente era o Francisco Nascimento. E fui levado para lá por intermédio do Fabrício que era advogado deles também. Mas logo que eu comecei a funcionar, o Fabrício foi deixando por minha conta. Ele deve ter pensado: “– *Ele está mais novo do que eu. Ele está mais doído do que eu. Deixa ele embarcar*”. E eu fiquei satisfeito. Então nós participamos... começamos a participar disso. A luta para a tomada daqueles terrenos que hoje formam um aglomerado muito grande chamado o aglomerado da Cabana, ali tem praticamente uns 6 conjuntos ali dentro. Mais a Vila Oeste, mais um conjunto lá na BR 31 chamado... infelizmente chamado Vila 31 de Março, que antes era Frei Josafá, o nome que nós pusemos lá, Frei Josafá que era um cidadão muito bom. Mas depois do golpe militar mudaram o nome. Aquilo mobilizou muita gente. Milhares, milhares de pessoas. Os terrenos que conseguimos nessa luta, tomar do Luciano, pode-se somar aí em alguns milhares de lotes. O Luciano chegou a ficar desesperado mesmo. Porque ele perdeu

muita coisa, muita coisa. No meu processo, consta os depoimentos dele. Tudo relatando a fortuna que ele perdeu naquilo tudo. Mas foi uma luta demorada, envolveu muita gente, muitos documentos, muitas brigas. Outro dia eu estava lembrando do Betinho. O Betinho uma vez foi lá. Nós estávamos num bruta de um comício lá, quando o Betinho chegou com o padre Alípio, até. Aí, numa conversa lá, o Betinho viu aquele ambiente, porque nós estávamos fazendo um comício num lugar cercado pela polícia. E a polícia estava cercado exatamente porque a polícia queria prender o padre Alípio, entendeu?

L.N.: O comício era // em relação // aos terrenos?

D.P.: //Aos terrenos// nós estávamos lá no local dos terrenos, porque a gente ficava dia e noite ali. Nós ficávamos lá no meio dos terrenos. E a polícia cercado para prender. Aí então o Betinho pegou... o Betinho foi sempre um cidadão muito inteligente. Ele era novinho nessa ocasião. Eu me lembro que ele falou assim: “– *Nós estamos... não*”, ele disse assim: “– *Eles estão preparados para a guerra e nós estamos preparados para fazer comício.*” [] na verdade nós estávamos preparados para fazer comício, não tinha ainda tempo de chegar em outras coisas. Aí então o... eu sei que eu pedi até na ocasião, pedi um voluntariado de 50 companheiros para pegar o padre Alípio e levá-lo/

L.N.: Quem que era padre Alípio?

D.P.: Padre Alípio era um padre que veio lá do nordeste e que era amigo do Julião, aquele pessoal todo. Hoje ele não é padre. Hoje ele vive com uma mulher, com a mesma mulher do Sebastião Neves, a Cecy. [risos]. Eu achei engraçado porque eles foram no lançamento de um livro meu lá e o padre Alípio era meu amigo nessa ocasião, aí eu falei: “– *O Cecy, que negócio é esse? Você com o padre Alípio? – É. Pois é. Eles prenderam o padre Alípio.*” Eles falou comigo – ela é gozadíssima. Você conhece ela? –

L.N.: Não.

D.P.: Prenderam o padre Alípio. Eu ia lá na cadeia visitar o padre, visitar, visitar, acabou que deu nisso. [risos] Mas hoje ele não está celebrando mais missa não. Era um cara muito bom. Então peguei 50 companheiros e mandei tirar o padre Alípio do local. Falei: “*Vocês vão levar o padre Alípio na estrada e só vão deixá-lo sozinho depois que ele pegar o ônibus e for embora.*” E eu fico aqui, porque enquanto eu estiver aqui a polícia não sai. E não sai mesmo. Enquanto eu estava lá, não saía. Mas resultado, aí a polícia veio e prendeu o pessoal. Então saíram vários caminhões. Caminhão, entendia que naquela ocasião era um caminhão, [] caminhão. Então eu falei: “– *Eu também estou preso –*

Não. Está preso não. – Estou. Eu faço questão de ir preso. Agora eu faço questão [risos]. Tem ocasião que eu faço questão de não ser preso. Agora eu faço”. Teve até uma discussão que eu tive como o coronel Saul – você conhece? –

L.N.: Só de nome.

D.P.: Pois é. Coronel Saul, depois o José Geraldo. José Geraldo de Oliveira. Nesse dia o José de Oliveira: - Esse coronel que prendeu vocês é um boçal. Nós não estamos querendo prender ninguém não. Nós estamos precisando de amizade. [mas que desaforo] aquele José Geraldo. Ele já estava prendendo nossos companheiros com essa conversa fiada. Então ficou nisso. Aí houve essa luta. Outros... mas foi uma luta seríssima. Por exemplo, o Raimundo Gilbert []. Raimundo Gilbert foi um olho no olho, mas foi um grande líder dos favelados. Ele tinha uma esposa, depois trocou por outra, eu fiquei muito chateado com isso. [risos]. Porque essa primeira era uma mulher de valor. Você acredita, ela era presidente da União Feminina da Mulheres de Favela. A polícia prendeu Raimundo Gilbert. Porque eles estavam distribuindo feijão lá dos Estados Unidos, feijão podre. Então ele denunciou aquilo tudo, então ele foi preso. Pois bem. Ela juntou as mulheres, foram, cercaram a cadeia e derrubaram a cadeia tijolo por tijolo. Uma mulher dessa a gente não pode abandonar de jeito nenhum. [risos] [] o desgraçado troca a mulher por outra. Eu fiquei muito [] com ele.

L.N.: Dimas, mas quer dizer que você fez da sua profissão, só para a gente encerrar por hoje, era um instrumento profissional ou era um instrumento de militância?

D.P.: Olha, na verdade foi mais de militância, porque como profissional eu não ganhei um tostão com esse negócio. [risos].

L.N.: E nessa ocasião, seus filhos estavam com que idade?

D.P.: Ah, estavam todos pequenos. Deviam ter uns 7, 8, 9.....

L.N.: E como é que fazia a família para sobreviver?

D.P.: Aí que está o problema, não é? Eu tinha uma pequena gráfica, tinha uma gráfica. Então a gráfica... tudo o que eu ganhei foi como gráfico. Como advogado eu perdi porque eu pagava [coisa] para os outros. Como político, eu não cheguei a ganhar nada também, porque no tempo que eu fui vereador era uma mixaria. Ganhava coisa nenhuma. Era uma mixaria muito grande. E eu ainda comprava tijolo para dar para os outros, telha, essas coisas todas, entendeu? Ela que manteve a minha família.

L.N.: Na próxima sessão, nós vamos trabalhar – só para te informar, não é? – você candidato a vereador e o golpe de 64. Será esse o nosso tema.

D.P.: Vamos ver se a gente chega ao menos até 64.

L.N.: Nós vamos passar de 64. O depoimento é para ver se vai até um pouco adiante de 64.

FIM DO LADO B DA FITA 10

	A		N
Agildo Barata, 5, 6		Nova Lima, 8	
Arraes, 14			
	B		P
Betinho, 16		PC do B, 2, 5	
Brizola, 13		PCB, 1	
		PTB, 7, 14	
	G		S
Getúlio, 6, 15		stalinismo, 1	
golpe, 16, 18			
	J		T
Jango, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15		Tancredo, 6, 7, 8, 11	
Jânio, 7, 11, 12, 13			
	L		U
Luciano, 15		UDN, 7, 11, 12	
		União Soviética, 1	